

# RESENHA

## RESENHA

ENRIQUEZ, Maria Amélia Rodrigues da Silva. **Mineração no Pará: uma agenda proativa para ampliar e potencializar benefícios regionais**. Belém: FIEPA, 2007.

### A DISCRETA ELOQUÊNCIA DAS ENTRELINHAS

ou

Argumento sobre a insuspeita influência  
de Cecília Meireles e Machado de Assis (e outros menos votados)  
na economia paraense<sup>1</sup>

Armando Dias Mendes\*

*Selvas, montanhas e rios  
estão transidos de pasmo.  
É que avançam, terra adentro,  
os homens alucinados.  
(...)*

*Que a sede de ouro é sem cura,  
e, por ela subjugados,  
os homens matam-se e morrem,  
ficam mortos mas não fartos.*

Cecília Meireles  
*Romanceiro da Inconfidência*  
Romance I - "Da Revelação do Ouro".

A Prof<sup>a</sup> Maria Amélia, com a sua assaz reconhecida competência, presta mais um relevante serviço à arte de (re)pensar permanentemente a coisa pública, a *res publica*. No caso, a coisa & causa pública paraense.

O texto ora lançado é focado, com detalhes, no campo de sua especialidade profissional, a economia minerária do Estado. A Autora, ainda bem, usa lupa de aproximação reveladora de

detalhes que fazem desse estudo uma espécie de *autos da devassa*<sup>2</sup> do setor, tal a riqueza das revelações que contém, dos sigilos ou selos que viola. Mas viola-os para benefício do interesse coletivo. Assim, a par de expor a grandeza crescente do setor e suas potencialidades ainda por explorar em plenitude, chama a atenção para os riscos e perversões nele embutidos. *Perversões* no sentido etimológico: desvios, desvios indesejados. Conceito factual, não moral.

\* Professor aposentado da Universidade Federal do Pará (UFPA).

Podia parar aí. Não pára e faz bem. Esses são os insumos de que se vale para propor ações corretivas, de superação de problemas e sobrepujamento de resultados. Seu escopo é oferecer contribuição à modelagem e montagem de um *Plano Mineral* para o Estado, subsídio precioso à formulação de políticas públicas. A proposta vem agora a lume e merece ser amplamente discutida pelo muito que ela tem a ver com o futuro do Pará. Os números arrolados mostram o crescimento impressionante do setor nas últimas décadas. Crescimento em termos absolutos e, sobretudo, em termos relativos: a economia minero-metalúrgica paraouara tornou-se solidamente, assustadoramente hegemônica em nossa contextura econômica. As implicações dessa devastadora realidade devassada são inúmeras.

Inventário precoce:

- ❑ A economia paraense apresenta-se, na prática, mono-produtora, dependente de grupo restrito de matérias primas minerais, ainda que em parte integrada verticalmente.
- ❑ A multiplicação dos seus efeitos na geração da renda faz-se mais fora do Estado e da região do que no seu interior.
  - Os empreendimentos são capitaneados por empresas forâneas.
- ❑ A multiplicação dos seus efeitos na geração intestina de empregos é ambígua.
  - Os empregos qualitativamente mais elevados, mais bem remunerados, continuam a ser providos, não sei se ainda majoritariamente, por pessoal trazido do resto do Brasil.

- ✓ Quando não por outros motivos, pela alegada escassez de sua formação aqui dentro.
- ✓ Repto que, todavia, vem sendo respondido em grande parte sobretudo pela Universidade Federal do Pará (UFPA), inclusive no seu *campus* de Marabá.
- A geração de empregos de nível intermediário ou baixo, no entanto, pode alcançar níveis significativos.
  - ✓ Exemplo eloqüente: a previsão para os próximos três anos é de uma oferta, somente em função de dois projetos novos, de perto de 50 mil novos postos de trabalho.
  - ✓ Para que se tenha uma idéia: esse total corresponde aproximadamente a metade da mão-de-obra total empregada no *Pólo Industrial de Manaus (PIM)*, quarenta anos depois de posta em marcha a Zona Franca, que está na origem do Pólo.
- ❑ Os resultados colhidos em termos de arrecadação de receitas públicas e melhoria das condições de vida das populações envolvidas são, também, ambíguos, quando não contraditórios. E quase sempre modestos.
  - A comparação com os indicadores de outros Estados revela que, nestes, os benefícios alcançados parecem ter sido superiores.
  - O texto procura explicar porquê.

A investigação agora tornada pública é, portanto, extremamente reveladora. Mas ousaria dizer que ela é mais reveladora pelo que não diz expressamente do que pelo que implicitamente diz. O que ela diz, como ressaltado e é óbvio, diz respeito ao foco de reflexão da Autora, por força da especialização a que se dedica e do objeto próprio do trabalho produzido. O que ela não diz escapa a esse enquadramento. Então não tinha obrigação de dizer. Mas insinua situações e elementos decisivos, que precisam vir à tona porque essa é uma insinuação virtuosa.

Por outras palavras: as densas linhas do seu estudo impõem-se *per se* à inteligência paraense. As suas discretas entrelinhas interpõem-se na argumentação, e como acontece no retrato falado — escrito, na verdade — de 'Capitu', a mulher mistério de *Dom Casmurro*, acabam expondo do modo oblíquo e disfarçado as ocultas *liaisons dangereuses*. Machado de Assis e Chordelos de Lacos<sup>3</sup> que me perdoem.

Resumo não da ópera, mas da partitura, uma vez recuperada:

- ❑ O Pará, como é sabido, mas escapa ao âmbito da investigação ameliana, também vem experimentando um crescimento consistente de produção no setor agropecuário.
  - Hoje detém um dos maiores criatórios de gado bovino e bubalino do país, exporta gado em pé e derivados.
  - Detém extensos plantios de espécies oleaginosas e frutíferas.
  - Vem sendo invadido pelo cultivo de grãos.

- Exporta polpas e sucos que caíram literalmente na boca do povo em todo o país (açai, cupuaçu, as mais votadas) e por aí adiante.
- Pode vir a converter-se, porque não, em um dos pólos nacionais de produção de biocombustíveis.
- ❑ O Pará, entretanto, não cresceu, na mesma proporção, na indústria de transformação.
- ❑ O Pará não deslanchou ainda, ao contrário de outros Estados da própria região, no aproveitamento das suas potencialidades turísticas inúmeras e na prestação de outros serviços para os quais reúne condições favoráveis.
- ❑ O Pará desenvolveu, entretanto, largo progresso no campo universitário,
  - inclusive ao nível da pós-graduação,
  - com espalhamento de *campi* universitários no interior,
  - sobretudo pela UFPA, que está completando 50 anos de fundada.
- ❑ O Pará desenvolveu, simultânea e articuladamente, uma rede de pesquisa científica que é, com todas as suas limitações, a mais expressiva do norte do país.
  - Assinale-se, apenas como marco histórico, que o Museu Paraense Emílio Goeldi (a primitiva *Sociedade Filomática*) é a mais antiga instituição científica do país em atividade ininterrupta, fundada que foi em 1866.

O que desequilibra o balanço final é aquilo que a investigação ora divulgada põe a nu. Ou seja: o crescimento desmesurado do setor minerário, com perspectivas, assinaladas no texto, assaz promissoras para os próximos cinquenta anos. Bem, daqui a cinquenta anos, quem sabe, estaremos todos mortos. E a vida continuará, se a autofagia econômico/ecológica não tiver completado a sua saga maldita. Um novo balanço como este poderá, então, esclarecer com maior segurança se a “maldição mineral” abafou, também no Pará, as alternativas de real desenvolvimento sustentável da sociedade local.

Algo esta precária resenha nos permite já dizer, não na contramão nem mesmo *a latere* da exposição da Prof<sup>a</sup> Maria Amélia, mas como consequência incontornável de sua proposta. E é que, mais do que um plano mineral ou qualquer outro voltado para cada setor da nossa economia – e todos são importantes – precisa-se de um *projeto de futuro* coletivo, integrado, integrador. Agenda, espero, para o novo *Idesp*, em trabalhos de ressuscitamento. Exames de consciência periódicos são indispensáveis à saúde mental e espiritual dos indivíduos. A das coletividades exige, também periodicamente, práticas de auto-crítica e catarse. E o resultado desse salutar exercício só pode ser a revisão de atitudes e rumos, o refazimento de propósitos e propostas. É a isso que se costuma chamar de *conversão*, no plano pessoal. E recebe a etiqueta tão mal compreendida e vilipendiada de *utopia*, no plano social.

Nenhuma sociedade prescinde de uma utopia norteadora. Esta reclamação está se tornando em meus escritos, eu sei, um angustiante ritornelo. Um refrão que, todavia, é preciso repetir à exaustão.

Alguém um dia vai lhe dar atenção. Ao menos como tema de tese de doutorado do genial tataraneto de um dos meus escassos leitores, milagrosamente sobrevivente do Xapocalipse ecológico.

Saudações antecipadas ao doutorando por nascer. Mas, por favor, não regateie em sua tese as justas homenagens devidas à Autora desta exaustiva prospecção.

E bom proveito.

*Passou um louco, montado.  
Passou um louco a falar  
que isto era uma terra grande  
e que a ia libertar.  
(...)*

*Mostrando os montes, dizia  
que isto é terra sem igual,  
que debaixo destes pastos  
é tudo rico metal.*

Cecília Meireles  
*Romanceiro da Inconfidência*  
Romance XXX – Do REINO DOS TROPEIROS

## NOTAS

1 Escrito, com muito gosto, a pedido da Autora, Profª Maria Amélia Rodrigues da Silva Enriquez (UFPA), como Prefácio para o livro ***Mineração no Pará: uma agenda proativa para ampliar e potencializar os benefícios regionais***, que vem de ser lançado pela Federação das Indústrias do Estado do Pará (FIEPA). Prefácio excluído do mesmo, porém, ao que foi dito, por decisão do "Comitê Editorial" desta

2 *Devassa* no sentido de sindicância ou inquérito. Nas Ordenações do Reino, que regiam o Brasil à época da Colônia, era um procedimento determinado, conduzido e julgado pela autoridade real delegada. Os seus registros

escritos constituíam os *autos da devassa*. Os mais famosos são os do processo que, apurando a "Inconfidência Mineira", levaram à condenação de Tiradentes. O *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles, é um épico publicado em 1953, que imortalizou esse episódio central da nossa história. *Inconfidência* convém lembrar, originalmente tem o sentido de infidelidade, deslealdade para com um Estado ou governante. A insurreição das alterosas era precisamente um levante contra a Coroa Portuguesa.

3 Aqui a remissão oportunista é ao livro, não ao filme baseado no livro.

